

Criatividade, aculturação e vivência internacional de crianças e adolescentes multiculturais

Marina Porto-Ribeiro
Denise de Souza Fleith

RESUMO

A criatividade é um fenômeno multidimensional que envolve elementos individuais e ambientais. O ambiente cultural no qual o indivíduo se insere e a forma como ele se acultura podem influenciar seu desempenho criativo. Neste estudo foram investigadas criatividade, aculturação e vivência internacional de jovens multiculturais. Participaram 39 crianças e adolescentes, que já haviam vivido em pelo menos dois países, sendo 22 (56%) do gênero feminino e 17 (44%) masculino, com idade entre 6 e 15 anos ($M = 11,07$, $DP = 2,56$), além de seus responsáveis (23 mães, sete pais e nove casais). Empregou-se três instrumentos: Curta Escala de Aculturação, Teste de Criatividade Figural Infantil e questionário sobre a experiência em outras culturas. Os multiculturais obtiveram índice de criatividade superior à média, impulsionado pelos fatores de Emotividade e Aspectos Cognitivos. A maioria teve altos índices de aculturação e adotou estratégia aculturativa de integração. Foram mais criativos os participantes com altos índices de aculturação e que haviam regressado ao país de origem após a experiência no exterior. Crianças e adolescentes que haviam vivido em mais de quatro países tiveram melhor aculturação. A escola, a família, os relacionamentos sociais e o idioma foram os aspectos mais indicados como facilitadores na vivência internacional.

Palavras-chave: aculturação; criatividade; multiculturalismo; diversidade étnica.

ABSTRACT

Creativity, acculturation and international experience of multicultural children and adolescents

Creativity is a multidimensional phenomenon that involves both individual and environmental elements. The cultural environment in which an individual is immersed and the way in which he becomes acculturated can influence his creative performance. In this study creativity, acculturation and international experience of multicultural youth were investigated. Participants were thirty-nine children and adolescents who had lived in at least two countries, being 22 (56%) females and 17 (44%) males, aged between 6 and 15 years ($M = 11.07$, $SD = 2.56$), and their guardians (23 mothers, seven fathers and nine couples). Three instruments were used: Short Acculturation Scale, Children's Figural Creativity Test and questionnaire on experience in other cultures. The results indicated that multicultural children had higher than average creativity index, boosted by Emotivity and Cognitive Aspects factors. Most had high levels of acculturation and adopted acculturative integration strategy. Participants with higher levels of acculturation and who had returned to their home country, after their experience abroad were more creative. Children and adolescents who had lived in more than four countries had higher level of acculturation. School, family, social relationships, and language were the aspects most indicated as facilitators in the international experience.

Keywords: acculturation; creativity; multiculturalism; ethnic diversity.

Sobre os autores

M. P. R.
<http://orcid.org/0000-0002-8634-9240>
Universidade de Brasília – Brasília
– DF
marinaportopsi@gmail.com

D. S. F.
<http://orcid.org/0000-0001-6281-3371>
Universidade de Brasília – Brasília
– DF
fleith@unb.br

Direitos Autorais

Este é um artigo de acesso aberto e pode ser reproduzido livremente, distribuído, transmitido ou modificado, por qualquer pessoa desde que usado sem fins comerciais. O trabalho é disponibilizado sob a licença Creative Commons CC-BY-NC.



A cultura é um complexo de ideias, crenças e normas que induzem e motivam a percepção e o comportamento das pessoas (Ingraham, 2000). Segundo Siraj-Blatchford (1996), a cultura influencia a forma de vestir, falar, relacionar, comer e exercer a religiosidade, embora represente muito mais que isso. O adjetivo multicultural remete a uma mescla de culturas e é utilizado para qualificar contextos, ambientes, famílias, metodologias de educação, políticas, indivíduos. Não há consenso sobre a definição da multiculturalidade em um indivíduo, entretanto, um ponto de partida para contextualizar essa condição é considerar o país de origem ou a raça do sujeito e a influência de outras culturas no seu desenvolvimento (Woods et al., 1999). Multiculturais seriam indivíduos influenciados por duas ou mais culturas e biculturais aqueles sujeitos que, a partir do contato intercultural, assimilariam em sua identidade aspectos da cultura nativa e de uma segunda cultura (Fleischmann & Verkuyten, 2016; Hong et al., 2016).

Analisando dados sobre o fluxo internacional de pessoas, verifica-se que em 2019 houve cerca de 272 milhões migrantes internacionais em todo o mundo (Organização das Nações Unidas [ONU], 2020) e 79,5 milhões se deslocaram fugindo de conflitos e perseguições (Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, 2020). Em outra perspectiva de multiculturalidade estão os expatriados, definidos por Diez (2015) como profissionais que trabalham fora do seu país natal, com regime diferente dos nativos. De acordo com relatório publicado pela Finaccord (2018), o número total de expatriados em todo o mundo totalizou cerca de 66,2 milhões em 2017 e a expectativa para 2021 é de aproximadamente 87,5 milhões.

Diante da representativa incidência da multiculturalidade, desafios vivenciados a partir do contraste cultural têm sido investigados. Há muitos estudos, especialmente desenvolvidos pela comunidade científica internacional, que abordam o processo por meio do qual pessoas, famílias ou comunidades reagem ao contato com novas culturas, chamado de aculturação (Hajro et al., 2019; Julián, 2017; Mengistu & Manolova, 2019; Zanetta, 2019). Berry (1997) descreve dois aspectos centrais a serem observados no processo de aculturação: o quanto um indivíduo preza por manter os costumes de sua cultura natal, e o quanto ele busca interagir com membros de grupos diferentes e da sociedade hospedeira. A postura do indivíduo em relação a esses dois aspectos conduz à adoção de quatro possíveis estratégias de aculturação: (a) assimilação, na qual o indivíduo afasta-se de seus próprios valores culturais e passa a buscar quase que exclusiva interação com pessoas da cultura hospedeira; (b) separação, em que o indivíduo supervaloriza a manutenção de sua cultura original e minimiza a interação com membros de outras culturas; (c) integração, na qual adota-se uma atitude positiva frente a ambas culturas, buscando-se manter os valores da cultura natal e também interagir com membros da comunidade local; (d) marginaliza-

ção, que separa-se da cultura herdada e da cultura estrangeira (Berry, 1997). Segundo Berry, uma adaptação positiva deriva do resultado de longo prazo do processo de aculturação e, portanto, de uma relação de sucesso estabelecida pelo indivíduo com sua cultura de origem e com os membros da nova cultura. Ward et al. (2018) argumentam que além de verificar qual a estratégia de aculturação adotada pelo indivíduo multicultural, deve-se analisar como ocorre o processo de seleção da forma de aculturação e como isso influencia na promoção do desenvolvimento psicológico.

Em experiências de intercâmbio cultural, vivenciadas por meio da aculturação, a criatividade pode ser nutrida (Bultseva & Lebedeva 2019; Cho & Morris, 2015; Falavarjani & Yeh, 2018; Gocłowska & Crisp, 2014). A duração da experiência internacional, por exemplo, está relacionada ao êxito criativo. Bultseva e Lebedeva (2019) verificaram que quanto mais tempo os russos despendiam em outros países, melhor era seu desempenho criativo. Ademais, a qualidade do processo de aculturação também está relacionada ao desenvolvimento da criatividade. Estudantes iranianos que viviam na Malásia e adotaram a integração ou marginalização bicultural apresentaram melhores soluções criativas em comparação com indivíduos que adotaram uma identidade monocultural, como a assimilação ou a separação (Falavarjani & Yeh, 2018).

A criatividade é um fenômeno contextual, produto da interação de três forças: pessoa, domínio e campo. É criativa a pessoa que possui características como curiosidade, entusiasmo e motivação; que produz uma inovação aceita em um domínio, composto por regras simbólicas e procedimentos; e obtém a aprovação em um determinado campo, mediado por especialistas que filtram o que estrutura o domínio (Csikszentmihalyi, 1996). Portanto, o ambiente cultural no qual o indivíduo se insere e a forma como ele se acultura podem estar relacionados ao seu desempenho criativo.

A experiência multicultural também é relevante para o desenvolvimento da criatividade em crianças e adolescentes, embora esse grupo seja menos estudado. Cross e Gilly (2013) sugeriram que crianças de famílias binacionais, filhos de pais de diferentes nacionalidades, poderiam crescer com informações multiculturais e, assim, desenvolver a criatividade. Chang et al. (2014), estudando uma representativa amostra de adolescentes que vivenciavam multiculturalismo, verificaram que estes eram mais criativos do que adolescentes monoculturais. Apesar do interesse da comunidade científica internacional sobre multiculturalismo e criatividade (Porto-Ribeiro & Fleith, 2018), no Brasil, foram identificadas apenas publicações relacionadas ao bilinguismo – que não implica necessariamente multiculturalismo – e o potencial criativo (Mendonça & Fleith, 2005; Schramm, 2015). Nesse sentido, tendo em vista a expansão do fenômeno do multiculturalismo e a importância de

nutrir a criatividade para enfrentar os complexos desafios do século XXI (Nakano & Wechsler, 2018), buscou-se investigar a criatividade, a aculturação e as características da vivência internacional de crianças e adolescentes multiculturais no Brasil.

MÉTODO

PARTICIPANTES

Este estudo foi realizado em duas etapas. Participaram da primeira etapa 39 crianças e adolescentes, que já haviam vivido em pelo menos um outro país e atualmente residiam na capital do Brasil. Vinte cinco (64%) deles eram brasileiros, sendo 20 (51%) apenas brasileiros e cinco (13%) brasileiros com dupla nacionalidade. Os demais 14 (36%) participantes eram de nacionalidade: filipina ($n=3$; 8%), síria ($n=3$; 8%), haitiana ($n=2$; 4%), omani ($n=2$; 4%), colombiana ($n=1$; 3%), italiana e espanhola ($n=1$; 3%), mexicana ($n=1$; 3%) e turca ($n=1$; 3%). Os participantes tinham idade entre seis e 15 anos ($M=11,07$, $DP=2,56$), sendo 22 (56%) do gênero feminino e 17 (44%) do gênero masculino. Todos cursavam ensino fundamental, 14 (36%) em escolas públicas e 25 (64%) em escolas particulares. Na segunda etapa, foram colhidos dados com 48 (23 mães, sete pais e nove casais) responsáveis pelas 39 crianças e adolescentes. Portanto, dados relativos a 78 pais foram obtidos com os participantes da pesquisa: 43 (55%) eram de nacionalidade brasileira e 35 (45%) eram binacionais, ou seja, pai e mãe tinham nacionalidades diferentes. Quanto ao grau de instrução, um pai (1%) e uma mãe (1%) haviam estudado até o ensino fundamental; 11 pais (14%) e 10 mães (13%) até o ensino médio; e 27 pais (35%) e 27 mães (35%) tinham cursado nível superior ou pós-graduação. Uma mãe (1%) não respondeu à questão sobre o grau de instrução.

INSTRUMENTOS

Utilizou-se a Curta Escala de Aculturação (Pizzinato & Sarriera, 2002), adaptada da *Short Acculturations Scale for Hispanics* (Marín et al., 1987) e aplicada em uma amostra de crianças imigrantes, de variadas nacionalidades, que residiam em Porto Alegre. O seu objetivo é avaliar o nível de aculturação dos respondentes. É composta por 12 itens, que medem três fatores Linguagem, Meios de Comunicação e Relacionamento Social-étnico. São exemplos de questões de cada fator, respectivamente: “Em quais idiomas você usualmente pensa?”, “Em quais idiomas são os programas de TV que mais assiste?” e “Seus melhores amigos são de que nacionalidade?”. Os coeficientes alfa encontrados por Marín et al. (1987) foram 0,90 para o fator Linguagem, 0,86 para o fator Meios de Comunicação e 0,78 para o fator Relacionamento Social.

Seguindo a adaptação proposta por Pizzinato e Sarriera (2002), as respostas da escala eram estabelecidas de acordo com a nacionalidade e a língua materna do participante. Nas questões dos fatores Linguagem e Meios de Comunicação, foi empregada uma escala com cinco opções: (a) apenas em língua materna, (b) mais na língua materna do que em outro idioma, (c) na língua materna e em outro idioma igualmente, (d) mais em outro idioma do que em língua materna, (e) apenas em outro idioma. Nas questões do fator Relacionamento Social Étnico, os participantes tinham três opções de respostas: (a) de sua nacionalidade, (b) de ambas nacionalidades, e (c) de nacionalidade diferente. No presente estudo, foi realizado um ajuste na escala aplicada por Pizzinato e Sarriera (2002). No fator Meios de Comunicação, os autores investigavam os idiomas dos livros e programas de televisão e rádio preferidos. Considerando que nos últimos anos o uso da internet expandiu-se como meio de comunicação e de socialização (Blair et al., 2015), neste estudo, foi incluída uma questão sobre idioma utilizado para acessar a rede. Foi considerada baixa aculturação o escore até 2,99, e alta aculturação o escore de 3 a 5 pontos.

O Teste de Criatividade Figural Infantil ([TCFI], Nakano et al., 2011) é baseado no Teste Figural de Torrance, validado no Brasil por Wechsler (2002). É composto por três atividades de desenhos, a partir de estímulos incompletos e formas abstratas. Por meio do teste, são analisados quatro fatores: Enriquecimento de Ideias, Emoção, Preparação Criativa e Aspectos Cognitivos. O fator Enriquecimento de Ideias está relacionado à persistência e ao aperfeiçoamento das ideias, envolve a possibilidade de participante ver a situação-problema de forma mais detalhada. O fator Emoção envolve autoconfiança e motivação, dá conta do uso de recursos criativos ligados a uma percepção mais emocional. O fator Preparação Criativa relaciona-se ao controle da impulsividade e a capacidade de analisar as possibilidades em busca da melhor solução. O fator Aspectos Cognitivos compreende abertura psicológica e capacidade de inovação e é composto por características que envolvem a busca por soluções diferentes, originais e que vão além dos limites estabelecidos. Evidências de validade concorrente do teste indicaram valores entre 0,81 e 0,94 para todas as características avaliadas. Evidências demonstraram, por meio de teste e reteste, índices entre 0,84 e 0,95 ($p \leq 0,001$), confirmando sua precisão para uso em amostras brasileiras.

Um questionário foi elaborado pela primeira autora deste estudo para ser aplicado aos pais. Com sete questões abertas e 20 fechadas, o levantamento teve o intuito de coletar características sociodemográficas dos participantes e de suas famílias, além de investigar a vivência internacional dos multiculturais. Exemplos de questões são: Por quanto tempo seu filho viveu fora do país natal? Quais as estratégias adotadas pela família para facilitar a adaptação do seu filho? O que in-

fluenciou na adaptação? Em quais idiomas seu filho é capaz de se comunicar? No período fora de seu país natal, qual era/ é a opinião do seu filho(a) com relação à escola?

PROCEDIMENTOS E ANÁLISE DE DADOS

Após aprovação do projeto por um Comitê de Ética em pesquisas com seres humanos, com Certificação de Análise e Apreciação Ética sob no. 59026516.0.0000.5540, os pais dos jovens multiculturais foram convidados por telefone ou correio eletrônico a participar e autorizar seus filhos a contribuir com a pesquisa. A coleta de dados foi realizada de forma presencial, individualmente na casa de cada família, pela primeira autora do estudo. Na primeira etapa, crianças e adolescentes assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido e responderam aos instrumentos Curta Escala de Aculturação e Teste de Criatividade Figural Infantil. O TCFI foi aplicado por um psicólogo. Na etapa seguinte, foi aplicado oralmente, em encontros individuais, o questionário para os responsáveis, após assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As respostas dos pais foram gravadas e transcritas. Foram realizadas análises descritivas e inferenciais. As respostas dadas às questões abertas do questionário foram sistematizadas por categorias e analisadas quantitativamente.

RESULTADOS

CRIATIVIDADE E ACULTURAÇÃO

Os índices do Teste de Criatividade Figural Infantil aplicado ao grupo multicultural indicaram desempenho geral acima da média ($M=69,41$; $DP=24,03$), quando comparados à amostra normativa (Nakano et al., 2011). Os participantes multiculturais obtiveram, em média, percentil acima do esperado nos fatores Emotividade ($M=73,08$; $DP=28,45$) e Aspectos Cognitivos ($M=66,00$; $DP=24,03$). Apresentaram, em média, percentil dentro do esperado nos fatores Enriquecimento de Ideias ($M=60,87$; $DP=27,52$) e Preparação Criativa ($M=46,69$; $DP=29,97$). Verificando o nível de aculturação das crianças e dos adolescentes, por meio da escala, notou-se que cinco participantes (13%) tiveram baixo nível de aculturação ($M=2,6$; $DP=0,43$) e 34 participantes (87%) tiveram alto índice de aculturação ($M=3,79$; $DP=0,48$). Observou-se interação entre as variáveis criatividade e nível de aculturação. Participantes que obtiveram alto nível de aculturação ($n=34$; 87%) alcançaram média 113,00 ($DP=13,96$) e participantes com baixo nível de aculturação ($n=5$; 13%) atingiram média igual a 96,40 ($DP=10,06$) nas medidas de criatividade. Resultados da análise de variância indicaram diferenças significativas entre os grupos $F(1,37)=7,15$, $p=0,011$. Considerando as estratégias de aculturação descritas por Berry et al. (1987), foi perguntado

aos pais como eles percebiam que os filhos teriam vivido a experiência aculturativa. Vinte e dois pais (56%) responderam de forma a indicar que seus filhos adotaram estratégia de integração, 10 pais (26%) indicaram alternativa que se relaciona à estratégia de assimilação e outros sete pais (18%) indicaram resposta associada à estratégia de separação. Analisando os tipos de estratégia de aculturação em relação aos índices de criatividade, não se obteve diferença significativa.

CARACTERÍSTICAS DA EXPERIÊNCIA INTERNACIONAL

A maioria dos pais entrevistados ($n=34$; 87%) afirmaram que seus filhos se adaptaram bem em todos os países que estiveram, três (8%) declararam que os filhos teriam se adaptado mais ou menos às experiências no exterior, outros dois (5%) informaram que eles não se adaptaram. Foi indagado aos pais se as crianças e adolescentes receberam apoio de profissional para a fase de adaptação à nova cultura. Vinte e sete pais (69%) disseram que não, 12 (31%) relataram que os filhos contaram com algum tipo de suporte: terapia psicológica ($n=6$; 15%), suporte psicopedagógico ($n=5$; 13%) e atendimento fonoaudiológico ($n=1$; 3%). Os pais foram questionados sobre o que teria influenciado a adaptação de seus filhos durante a experiência multicultural. Foram mencionados espontaneamente aspectos positivos e negativos. A escola, as amizades, o suporte da família e o domínio do idioma local foram mais frequentemente citados, como é possível observar na Tabela 1.

Entre as estratégias adotadas pelas famílias para facilitar a adaptação dos filhos, a aprendizagem do idioma ($n=10$; 26%), a estimulação de vínculos com outras pessoas ($n=10$; 26%) e a matrícula na escola ($n=9$; 23%) foram os mais citados. Sete pais (18%) mencionaram a importância de explicitar as vantagens de viver no exterior e outros sete (18%) de dar suporte e segurança. As estratégias de proporcionar acesso às mídias locais (rádio, TV e internet), inserir em atividades extraescolares, conversar sobre a cultura do novo país e fazer passeios foram citados, cada um, por quatro pais (10%).

Os pais foram questionados sobre o número de idiomas que os filhos são capazes de se comunicar. Três pais (8%) responderam apenas um idioma, 17 (44%) declararam que os seus filhos falam dois idiomas, 12 (31%) pais mencionaram três idiomas e sete pais (17%) responderam quatro ou mais. Os pais foram indagados sobre o idioma falado em casa. Entre os membros da família, a maioria dos pais relataram que as crianças e adolescentes se comunicam no idioma materno ($n=23$; 59%). Quatorze pais (36%) informaram que dois idiomas eram falados dentro de casa, a língua materna e outra língua; e dois (5%) disseram se comunicar apenas na língua do país que estavam residindo.

Tabela 1. Influências Positivas e Negativas para o Processo Adaptativo

Fatores de influência	Positivas (n)	Negativas (n)
Frequentar a escola	14	4
Ter amigos	13	0
Ter suporte dos pais	12	0
Falar e compreender o idioma	10	6
Idade das crianças	9	0
Personalidade	5	1
Ambiente acolhedor	4	0
Conhecer e passear no país	4	0
Valorizar o país hospedeiro	3	0
Cultura do país hospedeiro	0	3
Tempo de permanência no exterior	2	0
Receber visita de parentes	2	0
Conhecer a profissão dos pais, que demanda morar no exterior	1	0
Clima meteorológico	1	0
Atividades extraescolares	1	0
Total	81	14

A cultura parece estar bastante relacionada ao idioma na visão dos pais. Quando questionados a respeito das estratégias adotadas para que os filhos preservassem a identificação com sua cultura natal, manter o idioma materno foi o aspecto mais mencionado ($n=21$; 54%). Ademais, apreciar a comida típica ($n=19$; 49%); ter contato com compatriotas ($n=13$; 33%); ler livros no idioma materno ($n=10$; 26%); manter costumes, tradição e cultura ($n=10$; 26%); dar acesso às mídias em língua materna ($n=9$; 23%); ouvir músicas ($n=8$; 21%); e representar o país no exterior ($n=8$; 21%) foram algumas das medidas mencionadas para manter a identificação nacional. Cinco pais (13%) declaram não ter buscado manter sua cultura durante a vivência internacional, estes teriam se empenhado mais para que seus filhos absorvessem os costumes estrangeiros.

A importância da amizade foi reforçada pela resposta dos familiares quanto aos relacionamentos no país estrangeiro. Pais de 29 crianças e adolescentes (74%) afirmaram que seus filhos fizeram muitos amigos no período fora de seu país natal, nove (23%) teriam feito poucos amigos e apenas um (3%) não teria feito amigos. A maioria ($n=21$; 54%) tinham amigos nativos do país estrangeiro, outros 12 participantes (31%) tinham

amigos nativos e estrangeiros, e seis (15%) responderam que todos os amigos eram estrangeiros.

CARACTERÍSTICAS DA EXPERIÊNCIA INTERNACIONAL EM RELAÇÃO À CRIATIVIDADE E À ACULTURAÇÃO

Compararam-se ainda os resultados do teste de criatividade e da escala de aculturação entre grupos de diferentes perfis de participantes foram definidos os seguintes grupos: (a) nacionalidade (brasileiro e não brasileiro); (b) gênero (feminino e masculino); (c) tipo de nacionalidade (única e dupla – quando a criança nasceu em país diferente de sua nacionalidade ou tem dupla nacionalidade); (d) nacionalidade dos pais (compatriotas e binacionais); (e) quantidade de países que viveu (dois, três, quatro ou mais); (f) suporte profissional (sim e não); (g) aprendizagem do idioma local (sim, em todos os países em que esteve; sim, em alguns países em que esteve; e não); (h) relacionamentos (com nativos, com estrangeiros e com ambos). No que tange ao desempenho criativo, apenas na comparação de nacionalidade, entre brasileiros ($n=21$; 54%) e não brasileiros ($n=18$; 46%), a análise de variância indicou diferença significativa $F(1,37)=5,28$, $p=0,027$. Brasileiros tiveram resultado médio de 115,38 ($DP=14,09$) e não brasileiros de 105,61 ($DP=12,16$).

Analisando o número de países em que as crianças e adolescentes viveram, observou-se que os que residiram em quatro ou mais ($n=5$; 13%) tiveram maiores índices de aculturação ($M=4,41$, $DP=0,41$), quando comparados aos resultados daqueles que viveram em dois ($n=20$; 51%, $M=3,54$, $DP=0,63$) e em três países ($n=14$; 36%, $M=3,50$, $DP=0,49$). Foram observadas diferenças significativas entre o grupo que residiu em quatro ou mais países em relação a quem residiu em três e em dois países, $F(2,36)=5,45$, $p=0,008$.

DISCUSSÃO

Corroborando resultados de pesquisas anteriores (Bultseva & Lebedeva 2019; Cho & Morris, 2015; Falavarjani & Yeh, 2018), os participantes multiculturais deste estudo tiveram altos índices de criatividade em comparação à amostra normativa. Esse resultado foi impulsionado especialmente por percentis superiores nos fatores criativos de Emotividade e Aspectos Cognitivos.

Os altos índices verificados no fator Emotividade derivam do uso de recursos criativos ligados a uma percepção mais emocional, facilitadora do processo de descoberta de uma nova ideia. Para mensurar esse fator no teste de criatividade, observou-se a expressão de emoção e de fantasia nos desenhos, além dos títulos expressivos. Segundo Park et al. (2020),

as emoções são reconhecidas e expressadas de maneiras diferentes em cada cultura. Os indivíduos que se inserem em um novo contexto, enfrentam, portando, o desafio de compreender como as pessoas daquele local percebem os sentimentos e emoções e de adaptar seu comportamento a partir do que é considerado natural, para, dessa forma, sentir-se membros competentes dessa sociedade e aumentar sua autoestima (De Leersnyder et al., 2015).

Os vínculos, a profundidade dos relacionamentos e o ajuste emocional orientam a aculturação e facilitam o bem-estar psicológico dos estrangeiros e imigrantes (De Leersnyder et al., 2015; Panicacci, 2019). Embora o estado emocional não tenha sido objeto deste estudo, considera-se que por meio da exposição a outras formas de sentir e demonstrar as emoções, as crianças e adolescentes multiculturais desta pesquisa puderam ter a possibilidade de ampliar seu repertório emocional. Sugere-se a hipótese de que a formação de laços e o processo de ajuste socioemocional vivenciado ao longo da experiência multicultural gerou insumos para a expressão figural da emotividade, o que poderia explicar o resultado superior no teste utilizado.

O desempenho acima da média observado no fator aspectos cognitivos do teste de criatividade decorre de características como fluência, flexibilidade, originalidade e extensão dos limites manifestadas nos desenhos. Essas características foram medidas por meio da quantidade de ideias geradas, a diferença de categorias entre as ideias e a expressão de desenhos incomuns, que não se restringiram aos espaços estimulados na folha de aplicação. West et al. (2017) argumentam que, cognitivamente, indivíduos biculturais, em sua busca por maneiras adequadas de responder às influências conflituosas de duas culturas, podem ser mais capazes de vincular elementos de categorias independentes para criar algo, ou de conectar perspectivas divergentes, ou de absorver com sensibilidade as características refletidas pelo contexto. Todas as três estratégias descritas pelos autores poderiam potencializar a possibilidade dos participantes deste estudo de retratar os principais fatores da criatividade em seus desenhos, uma vez que a fluência, a flexibilidade e a originalidade dizem respeito à capacidade de relacionar coisas diferentes, criar coisas novas, pensar divergente e ter sensibilidade ao ambiente (Nakano et al., 2011).

Além disso, Sparkman et al. (2019) identificaram uma relação significativa recíproca entre os índices de abertura a novas ideias e o multiculturalismo. A partir dos processos de ancoragem e ajuste cognitivos envolvidos, os autores propuseram um modelo cognitivo-motivacional que relaciona o meio pelo qual as pessoas interpretam informações para construir suas atitudes em relação ao mundo social (crença multicultural) com a tomada de perspectiva. A abertura a novas experiências foi relacionada a várias formas de tomada de perspectiva, incluindo

a tomada de perspectiva cultural (Sparkman & Blanchar, 2017). De acordo com Coelho et al. (2018), essa receptividade ao novo é uma dimensão de personalidade comum em pessoas criativas. Nesse sentido, considera-se que a aprendizagem sobre outras perspectivas, lugares, costumes e valores, proporcionada pelo multiculturalismo, pode haver estimulado a abertura à experiência nos participantes deste estudo, refletindo na variedade e na riqueza de detalhes dos desenhos realizados no teste. Um adolescente de 12 anos, que havia morado na Suíça, no Paraguai e na Alemanha, desenhou na primeira tarefa as Cataratas do Iguaçu, com detalhes de contexto, como as trilhas que são percorridas para chegar ali e o grupo de turistas fotografando a cachoeira com seus telefones. Na terceira tarefa do teste, na qual são apresentados 30 estímulos iguais para que a criança produza desenhos diferentes, o jovem desenhou uma montanha nos alpes suíços, um castelo alemão e o muro de Berlim. Uma criança de seis anos que havia nascido na Argentina e vivido na Alemanha, em Israel e no Brasil desenhou na tarefa três, uma grande quantidade de aparatos bélicos.

Na avaliação da nacionalidade, os dados coletados indicaram que os brasileiros tiveram melhor desempenho criativo em comparação aos não brasileiros. No contexto desta investigação, o grupo de brasileiros havia vivido o multiculturalismo e estava de volta ao seu país de origem há pouco tempo; e o grupo de não brasileiros estava no Brasil, vivendo sua experiência estrangeira durante esta pesquisa. O desempenho superior alcançado por brasileiros indica que o benefício para a criatividade foi maior para multiculturais que, após uma vivência internacional, retornam à sua terra natal do que para participantes que estavam vivenciando sua experiência multicultural no Brasil durante a pesquisa. É possível que na circunstância de retorno à sua cultura natal, depois de um período de aprendizagem sobre outra cultura estrangeira, se fortaleça a re-identificação do indivíduo com seus costumes maternos, facilitando o biculturalismo. Segundo Falavarjani e Yeh (2018), entre as pessoas que vivenciaram duas culturas, os biculturais, que se identificam com ambas, são mais criativos do que os indivíduos monoculturais, que identificam apenas com uma cultura (natal ou hospedeira). Nesse sentido, levanta-se a hipótese de que o retorno ao país de origem e a possibilidade de reativar a identidade materna favorece o biculturalismo e, consequentemente, a criatividade. Muitos estudos empíricos sobre o desempenho criativo avaliam os multiculturais durante a experiência no exterior (por exemplo: Falavarjani & Yeh, 2018). Nesse sentido, este estudo pode ser considerado um avanço para as pesquisas por comparar a criatividade de indivíduos multiculturais que viveram com os que estão vivendo a experiência internacional.

Observando o nível de aculturação verificado por meio de escala aplicada aos participantes deste estudo, os resultados corroboraram a teoria de Gocłowska e Crisp (2014). Crianças

e adolescentes com maior nível de aculturação, aqui entendida como um processo de aquisição de uma segunda cultura (Berry, 1997), tiveram melhor desempenho no teste de criatividade. Nesse sentido, a aprendizagem sobre a nova cultura poderia fortalecer o potencial criativo. Gocłowska e Crisp (2014) argumentam que o aprofundamento, que implica envolvimento cultural, aprendizagem e processamento de informações relacionadas a outra identidade social, é um dos fatores que desencadeiam o desenvolvimento da habilidade criativa.

Investigando a adaptação das crianças e adolescentes multiculturais, foi indagado aos pais quais os aspectos facilitadores e as barreiras durante a vivência internacional. A escola, a rede de contatos, a família e o idioma foram os itens mais mencionados. Os resultados vão ao encontro dos achados de Dinh et al. (2020), os quais verificaram que os desafios relacionados à multiculturalidade, em diferentes contextos (especialmente com família, amigos e escola), eram fundamentais para o bem-estar e o desenvolvimento dos adolescentes de Camboja que viviam nos Estados Unidos. O relacionamento familiar e o suporte dos pais foram mais fortemente indicados como aliados para a adaptação das crianças e adolescentes multiculturais, tendo sido mencionados pelos familiares quando indagados sobre as influências para o processo adaptativo e estratégias adotadas para facilitar a adaptação no exterior. Estudos destacam a relevância da coesão familiar em contextos multiculturais (Arredondo et al., 2016; Maffini, 2016). Investigando famílias latinas nos Estados Unidos, Arredondo et al. (2016) verificaram que o comportamento dos pais impacta a formação da identidade étnica e o desempenho acadêmico de crianças de segunda geração de migrantes.

Há ainda evidências de que o relacionamento familiar se relaciona à manutenção da cultura de origem (Arredondo et al., 2016; Haikkola, 2011; Dinh et al., 2020). Dinh et al. (2020) sugerem que o conflito entre a manutenção da cultura natal e a assimilação da cultura local pode ser uma importante variável que subjaz à extensão das divergências entre os adolescentes multiculturais e seus pais imigrantes. Os autores verificaram que, em famílias de Camboja que viviam nos Estados Unidos, o fortalecimento da conexão com a cultura nativa para os adolescentes facilitava a relação com seus pais. No presente estudo, a maioria dos pais indicaram pelo menos uma estratégia adotada no exterior para preservar suas raízes culturais, como manter o idioma materno, consumir comida típica e ter contato com compatriotas. Resultado semelhante foi identificado por Arredondo et al. (2016). Jovens latinos nascidos nos Estados Unidos destacaram o esforço dos seus pais em partilhar histórias, levá-los para visitar parentes no país de origem e propiciar o relacionamento com compatriotas no exterior. Além disso, a língua materna foi relacionada à expressão do orgulho cultural pela segunda geração de imigrantes. Por outro lado, embora no presente estudo os pais tenham sido

questionados especificamente sobre como buscaram preservar sua cultura natal, alguns participantes mencionaram que não tinham essa preocupação e que buscaram aproveitar a experiência para que os seus filhos absorvessem ao máximo a cultura estrangeira. Algumas famílias investigadas optaram por se afastar de eventos que remetiam à sua nacionalidade e do contato com compatriotas.

Os dados obtidos podem ser relacionados aos achados de Shvidko (2012), que identificou que estudantes brasileiros engajados no aprendizado da língua inglesa, com o objetivo de preparar-se para um exame de proficiência, não conseguiam evitar o uso do idioma materno com compatriotas, tendo, assim, decidido evitar outros brasileiros. Pondera-se ainda que os participantes deste estudo que declararam não ter adotado medida para manter sua cultura eram imigrantes temporários, diplomatas, militares e acadêmicos. De acordo com Mchitarjan e Reizenzein (2014), a motivação intrínseca de manutenção cultural é ativada quando há suspeita de que sua cultura está em perigo. É possível que os familiares deste estudo, com perspectivas de voltar a morar no seu país de origem após determinado período, tenham mais segurança de que seus filhos serão expostos à sua cultura de origem.

O ensino da língua local foi apontado como a principal estratégia para facilitar a adaptação das crianças e adolescentes, paralelamente à interação com nativos e estrangeiros. O idioma foi ainda indicado como uma das influências positivas para o processo adaptativo. A maioria dos participantes aprendeu pelo menos um novo idioma. Justifica-se a relação descrita entre a aprendizagem da língua local e a adaptação uma vez que a linguagem, de acordo com Baker (2006), está no âmago da educação, cultura e identidade humanas, de modo que aprender um idioma implicaria aprender uma cultura.

A promoção do relacionamento interpessoal das crianças e adolescentes no exterior, citado pelos pais tão frequentemente quanto o idioma, como estratégia adotada pela família, e também como influência positiva para a adaptação, é apontada por Haikkola (2011) como um desafio. Segundo o autor, jovens que mudam de país acompanhando decisão de seus pais devem lidar com relacionamentos interrompidos e a busca por novos amigos. Nesta pesquisa, a maioria dos pais afirmaram que seus filhos fizeram muitos amigos no período fora de seu país natal, sendo esses, em grande parte, nativos do país estrangeiro. A escola é um espaço privilegiado para conhecer pessoas e fazer amigos. Nesse sentido, Dinh et al. (2020) descreveram o centro educativo como mediador da aculturação e do bem-estar de adolescentes multiculturais de ensino médio. A adaptação escolar também deve ser acompanhada e apoiada para evitar que os multiculturais sejam colocados em uma posição de vulnerabilidade, condição que pode ser associada à baixa autoestima, sintomas depressivos

e pontuações mais baixas em comportamentos para saúde (Maffini, 2016; Lee, 2020).

Em conclusão, neste estudo, crianças e adolescentes multiculturais demonstraram índices de criatividades acima da média da amostra normativa. Observou-se que participantes com maiores índices de aculturação obtiveram melhor desempenho criativo do que participantes com baixos níveis de aculturação, comprovando a interação da variável aculturação – baseada no uso do idioma, no acesso a mídias locais e no relacionamento social e étnico – com a variável criatividade.

Verificou-se tanto pela revisão de literatura, quanto pelos resultados deste estudo, a importância do suporte familiar à adaptação das crianças e adolescentes. Recomenda-se que pais de crianças e adolescentes multiculturais busquem compreender que a aculturação de seus filhos ocorre em compasso diferente da sua, que os acolham, prestem assistência e propiciem oportunidades para socialização e aprendizagem. O suporte familiar desempenha um importante papel para a formação da identidade étnica e para o desempenho acadêmico; assim, se de um lado um relacionamento familiar equilibrado pode ser facilitador da aculturação e do desenvolvimento dos mais jovens, o distanciamento e a lacuna de aculturação familiar podem gerar conflitos, alienação entre pais e filhos e desajuste nas crianças e adolescentes. Em uma situação de mudança de país, diante de perdas e transformações, a união familiar representa segurança. Sugere-se que os pais busquem também estimular atividades extraescolares e a aquisição do idioma local, oportunizando o relacionamento interpessoal com pessoas de diferentes nacionalidades.

A relação com os idiomas é um tópico chave na análise da aculturação, tanto que, muitas vezes, configura-se como um campo de pesquisa independente. Segundo Baker (2006), aprender um idioma implica aprender uma cultura. Nesta pesquisa, a maioria dos participantes desenvolveram novas competências linguísticas, que foram vinculadas à melhor adaptação, especialmente quando os jovens frequentavam escolas que utilizam idioma local.

Sinaliza-se como limitação deste estudo a forma de mensuração das estratégias de aculturação empregadas pelas crianças e pelos adolescentes, que foi realizada por meio de questionário respondido pelos pais. A escala de aculturação utilizada com os participantes mais jovens estava voltada para analisar apenas o nível de aculturação. Para futuras investigações, recomenda-se aplicar instrumento validado para a medir as estratégias de aculturação. Se sugere também para pesquisas futuras investigar o estado emocional dos jovens multiculturais, buscando identificar a interação dessa variável com o potencial criativo.

DECLARAÇÃO DA CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Certificamos que todos os autores participaram suficientemente do trabalho para tornar pública sua responsabilidade pelo conteúdo. A contribuição de cada autor pode ser atribuída como se segue:

M. P. R. e D. S. F. contribuíram para a conceitualização, formulação da metodologia e visualização do artigo; M. P. R. foi responsável pela coleta e análise de dados e redação inicial do artigo (rascunho) e D. S. F. foi responsável pela supervisão da pesquisa e redação final do texto (revisão e edição).

DECLARAÇÃO DE CONFLITOS DE INTERESSE

Os autores declaram que não há conflitos de interesse no manuscrito submetido.

REFERÊNCIAS

- Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados. (2020). *Global trends. Forced displacement in 2019*. <https://www.unhcr.org/5ee200e37.pdf>
- Arredondo, M. M., Rosado, M., & Satterfield, T. (2016). Understanding the impact of heritage language on ethnic identity formation and literacy for U.S. Latino children. *Journal of Cognition and Culture*, 16(3-4), 245–266. <https://doi.org/10.1163/15685373-12342179>
- Baker, C. (2006). *Foundations of bilingual education and bilingualism* (4th ed.). Multilingual Matters.
- Berry, J.W. (1997). Immigration, acculturation and adaptation. *Applied Psychology*, 46(1), 5–68. <https://doi.org/10.1111/j.1464-0597.1997.tb01087.x>
- Berry, J.W., Kim, U., Minde, T., & Mok, D. (1987). Comparative studies of acculturative stress. *International Migration Review*, 21(3), 491–511. <https://www.jstor.org/stable/2546607>
- Blair, S. L., Claster, P. N., & Claster, S. M. (2015). *Technology and youth: Growing up in a digital world*. Emerald Group.
- Bultseva M.A., & Lebedeva N. M. (2019). The relationship of intercultural experience, acculturation expectations and creativity among Russian students. *Cultural-Historical Psychology*, 15(3), 51–59. <https://doi.org/10.17759/chp.2019150306>
- Chang, J. H., Hsu, C. C., Shih, N. H., & Chen, H. C. (2014). Multicultural families and creative children. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 45(8), 1288–1296. <https://doi.org/10.1177/0022022114537556>
- Cho, J., & Morris, M. W. (2015). Cultural study and problem-solving gains: Effects of study abroad, openness, and choice. *Journal of Organizational Behavior*, 36(7), 944–966. <https://doi.org/10.1111/job.12111>

- doi.org/10.1002/job.2028
- Coelho, F. J., Lages, C. R., & Sousa, C. M. P. (2018). Personality and the creativity of frontline service employees: Linear and curvilinear effects. *International Journal of Human Resource Management*, 29(17), 2580–2607. <https://doi.org/10.1080/09585192.2016.1255982>
- Cross, S. N. N., & Gilly, M. C. (2013). Bridging cultural divides: The role and impact of binational families. *Journal of Public Policy & Marketing*, 32(1), 106–111. <https://doi.org/10.1509/jppm.12.031>
- Csikszentmihalyi, M. (1996). *Creativity*. HarperCollins.
- De Leersnyder, J., Kim, H., & Mesquita, B. (2015). Feeling right is feeling good: Psychological well-being and emotional fit with culture in autonomy-versus relatedness-promoting situations. *Frontiers in Psychology*, 6, 1–12. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2015.00630>
- Diez, F. (2015). Introduction and context. In M. Busin (Ed.), *Expatriate compensation: A practical and informative textbook for managing expatriate compensation, mobility, and international assignments in the world of work* (pp. 1–3). Knowres.
- Dinh, K. T., McCabe, A., & Tein, J.-Y. (2020). Culture and well-being among Cambodian American adolescents: Mediating effects of parental, peer, and school attachments. *Asian American Journal of Psychology*, 11(2), 88–97. <https://doi.org/10.1037/aap0000176>
- Falavarjani, M. F., & Yeh, C. J. (2018). The impact of acculturation identification and acculturative stress on creativity among Iranian immigrants living in Malaysia. *Journal of Ethnic & Migration Studies*, 44(13), 2219–2239. <https://doi.org/10.1080/1369183x.2017.1366301>
- Finaccord. (2018). *Global expatriates: Size, segmentation and forecast for the worldwide market*. Finaccord. <https://www.finaccord.com/Home/Reports/Global-Expatriates-Size-Segmentation-and-Forecas>
- Fleischmann, F., & Verkuyten, M. (2016). Dual identity among immigrants: Comparing different conceptualizations, their measurements, and implications. *Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology*, 22(2), 151–165. <http://doi:10.1037/cdp0000058>
- Gocłowska, M. A., & Crisp, R. J. (2014). How dual-identity processes foster creativity. *Review of General Psychology*, 18(3), 216–236. <https://doi.org/10.1037/gpr0000008>
- Haikkola, L. (2011). Making connections: Second-generation children and the transnational field of relations. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 37(8), 1201–1217. <https://doi.org/10.1080/1369183X.2011.590925>
- Hajro, A., Stahl, G. K., Clegg, C. C., & Lazarova, M. B. (2019). Acculturation, coping, and integration success of international skilled migrants: An integrative review and multilevel framework. *Human Resource Management Journal*, 29(3), 328–352. <https://doi.org/10.1111/1748-8583.12233>
- Hong, Y., Zhan, S., Morris, M. W., & Benet-Martínez, V. (2016). Multicultural identity processes. *Current Opinion in Psychology*, 8, 49–53. <http://doi:10.1016/j.copsyc.2015.09.020>
- Ingraham, C. L. (2000). Consultation through a multicultural lens: Multicultural and cross-cultural consultation in schools. *School Psychology Review*, 29(3), 320–343. <https://doi.org/10.1080/02796015.2000.12086018>
- Julián, R. M. (2017). Estudios de aculturación en España en la última década. *Papeles Del Psicólogo*, 38(2), 125–134. <https://doi.org/10.23923/pap.psicol2017.2826>
- Lee, S. (2020). Factors affecting health behaviors in late school-aged children from multicultural families. *Child Health Nursing Research*, 26(1), 23–34. <https://doi.org/10.4094/chnr.2020.26.1.23>
- Maffini, C. S. (2016). Feeling unsafe at school: Southeast Asian American adolescents' perceptions and experiences of school safety. *Journal of Southeast Asian American Education and Advancement*, 11(1), 1–14. <https://doi.org/10.7771/2153-8999.1135>
- Marín, G., Sabogal, F., Marín, B. V., Otero-Sabogal, R., & Perez-Stable, E. J. (1987). Development of a Short Acculturation Scale for Hispanics. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences*, 9(2), 183–205. <https://doi.org/10.1177/07399863870092005>
- Mchitarjan, I., & Reizenzein, R. (2014). Towards a theory of cultural transmission in minorities. *Ethnicities*, 14(2), 181–207. <https://doi.org/10.1177/1468796813505553>
- Mendonça, P. V. C. F., & Fleith, D. D. (2005). Relação entre criatividade, inteligência e autoconceito em alunos monolíngues e bilíngues. *Psicologia Escolar e Educacional*, 9(1), 59–70. <https://doi.org/10.1590/S1413-85572005000100006>
- Mengistu, B. S., & Manolova, G. (2019). Acculturation and mental health among adult forced migrants: A meta-narrative systematic review protocol. *Systematic Reviews*, 8, 1–8. <https://doi.org/10.1186/s13643-019-1103-8>
- Nakano, T. C., & Wechsler, S. M. (2018). Creativity and innovation: Skills for the 21st century. *Estudos de Psicologia*, 35(3), 237–246. <https://doi.org/10.1590/1982-02752018000300002>
- Nakano, T. C., Wechsler, S. M., & Primi, R. (2011). *Teste de Criatividade Figural Infantil: Manual técnico*. Editora Vetor.
- Organização das Nações Unidas. (2020). *International Migration 2019*. https://www.un.org/en/development/desa/population/migration/publications/migrationreport/docs/InternationalMigration2019_Report.pdf
- Panicacci, A. (2019). Does expressing emotions in the local language help migrants acculturate? *International Journal of Language & Culture*, 6(2), 279–304. <https://doi.org/10.1075/ijolc.17013.pan>
- Park, J., Kitayama, S., Miyamoto, Y., & Coe, C. L. (2020). Feeling bad is not always unhealthy: Culture moderates the link between negative affect and diurnal cortisol profile.

- les. *Emotion*, 20(5), 721–733. <https://doi.org/10.1037/emo0000605.supp>
- Pizzinato, A., & Sarriera, J. C. (2002). Aculturação entre crianças imigrantes em Porto Alegre, RS. *Aletheia (ULBRA)*, 16, 71–82. https://www.researchgate.net/publication/275342623_Aculturacao_entre_crianças_imigrantes_em_Porto_Alegre_Rio_Grande_do_Sul
- Porto-Ribeiro, M. M., & Fleith, D. S. (2018). Criatividade e multiculturalismo: Revisão de Literatura. *Temas em Psicologia*, 26(2), 943–956. <http://dx.doi.org/10.9788/tp2018.2-15pt>
- Schramm, R. C. (2015). *Falar mais de uma língua pode aumentar a criatividade? Um estudo cognitivo sobre o impacto do bilinguismo na atenção e na criatividade* [Tese de doutorado, Universidade Católica de Pelotas]. <https://wp.ufpel.edu.br/ppgl/files/2018/11/Falar-Mais-de-Uma-L%C3%ADngua-Pode-Aumentar-a-Criatividade-Um-Estudo-Cognitivo-Sobre-o-Impacto-do-Bilinguismo-na-Atenção-e-na-Criatividade-Renata-Carpena-.pdf>
- Shvidko, E. V. (2012). *Students' perspectives on language use outside the classroom in an intensive english program* [Tese de doutorado, Brigham Young University]. <http://scholar.archive.byu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=4114&context=etd>
- Siraj-Blatchford, I. (1996). Values, culture and identity in early childhood education. *International Journal of Early Years Education*, 4(2), 63–69. <https://doi.org/10.1080/0966976960040206>
- Sparkman, D. J., & Blanchard, J. C. (2017). Examining relationships among epistemic motivation, perspective taking, and prejudice: A test of two explanatory models. *Personality and Individual Differences*, 114, 48–56. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2017.03.049>
- Sparkman, D. J., Eidelman, S., Dueweke, A. R., Marin, M. S., & Dominguez, B. (2019). Open to diversity: Openness to experience predicts beliefs in multiculturalism and colorblindness through perspective taking. *Journal of Individual Differences*, 40(1), 1–12. <https://doi.org/10.1027/1614-0001/a000270>
- Ward, C., Ng Tseung-Wong, C., Szabo, A., Qumseya, T., & Bhowon, U. (2018). Hybrid and alternating identity styles as strategies for managing multicultural identities. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 49(9), 1402–1439. <https://doi.org/10.1177/0022022118782641>
- Wechsler, S. M. (2002). *Avaliação da criatividade por figuras e palavras: Testes de Torrance - versão brasileira*. IDB e LAMP/PUC-Campinas.
- West, A. L., Zhang, R., Yampolsky, M., & Sasaki, J. Y. (2017). More than the sum of its parts: A transformative theory of biculturalism. *Journal of Cross-cultural Psychology*, 48(7), 963–990. <http://doi:10.1177/0022022117709533>
- Woods, P., Boyle, M., & Hubbard, N. (1999) *Multicultural children in the early years: Creative teaching, meaningful learning*. Routledge.
- Zanetta, A. M. G. (2019). Aculturación parental: Una revisión de los desafíos y ajustes que implica el proceso de aculturación en las cogniciones parentales. *Summa Psicológica UST*, 16(2), 121–129. <https://doi.org/10.18774/0719-448.x2019.16.412>

Data de submissão: 19/08/2020
Primeira decisão editorial: 19/01/2021
Aceite: 02/02/2021